

## O LIVRO

Vanderney Lopes da Gama<sup>1</sup>

*Todos diziam que ele era um homem só e evasivo. Fugia de tudo e de todos. Vivia enfiado em seu apartamento moderno na zona sul do Rio de Janeiro em busca de criar ou matar mais uma quase ficção. Talvez fosse isso... O que sabemos realmente é que ele nunca tinha sido escritor antes do fato que aconteceu em um dia chuvoso de um inverno quente no Rio. Sobre sua escrivaninha foram encontradas umas letras que, por mais fantásticas que parecessem, demonstravam um universo perturbado e confuso daquele homem...*

Ontem estava um dia frio. Não que a frieza daquele momento me incomodasse. Já me acostumei a conviver com as temperaturas baixas. O que mais me assustava, às vezes, era a frieza do ser humano. A gelidez dos corações e mentes apavora-me como se fosse uma criança que vagueia circundada por monstros terríveis, próprios da infância e da imaginação de um louco ou de um lunático.

Não imaginava que depois de duas ou três taças de um bom e delicioso vinho teria um encontro tão inesperado que mexeria com minhas convicções.

Estava sozinho em casa quando, sem esperar por ninguém, a campainha de meu apartamento tocou insistentemente. Olhei pelo olho mágico e nada vi. Voltei e sentei no sofá, observando a taça que brilhava em minhas mãos e de onde saía o aroma do vinho, envelhecido tempo o bastante para saber que estava na hora de...

Neste momento, novamente soou a campainha e fui à porta. Bisbilhotei pelo olho mágico e nada. Abri a porta e nada novamente... Devo confessar que minha ida até a porta foi um tanto quanto difícil, pois o vinho era bom e a garrafa já não estava cheia. Virei e fui em direção ao centro da sala, deixando atrás de mim a incerteza do fato acontecido e a porta escura que se afastava longa e lentamente enquanto pensava no vinho e nessa confusão que agitava meus pensamentos.

Chegando ao centro de minha sala escura, julguei ter visto, sentado em meu sofá verde-escuro, um certo homem que, sem que perguntasse, disse-me que se chamava Carlos.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Estadual do Rio de Janeiro sob a orientação do Professor Doutor Flavio Garcia. vanderlopes1@ig.com.br

Em um primeiro momento, acreditei estar tendo uma alucinação devido à quantidade de vinho que havia ingerido. Depois, pensei que talvez estivesse tendo um surto esquizofrênico e criando uma possível realidade para que enfim pudesse sair de meu isolamento completo provocado por uma vida de ausências e sensações estranhas e inacabadas... Achei melhor, então, ir ao banheiro e lavar o rosto para ver se espantava os fantasmas que o álcool trazia aos meus olhos ou à imaginação... não sei ao certo... O relógio marcava 01h:26min.

Quando voltei, sentei no sofá em frente ao dele e conversamos a noite toda como se já nos conhecêssemos há muitos anos. Falávamos sobre tudo, inclusive de um livro que Carlos disse ter escrito há alguns anos, quando ainda era um jovem rapaz recém formado. Disse-me ele que o livro narrava umas histórias estranhas e assustadoras...

As horas passaram, adormecemos e, no dia seguinte, acordei cedo e sozinho para ir à padaria da esquina comprar o pão quente das manhãs cariocas e ler o jornal com as últimas notícias...

O fato que mais me chamou a atenção naquela manhã cinzenta e chuvosa foi justamente uma manchete no jornal que anunciava a morte de um escritor. A matéria relatava os detalhes de sua morte e a hora exata do fato... Lembrei-me de que muitos detalhes descritos na reportagem foram ou pareciam ter sido narrados por aquele homem que se encontrava em meu apartamento na noite anterior...

Ao olhar a hora do falecimento do escritor, percebi que fora a mesma do momento em que fui ao banheiro lavar o rosto... Comecei a questionar os acontecimentos e duvidar de minhas experiências vividas naquela noite estranha. Corri para casa como se buscasse uma prova daquela existência de minha sanidade ou insanidade... não sei! Revirei a sala, o quarto, o banheiro. Procurei por todos os cantos da casa. Nada encontrei... Terminei de ler a notícia do jornal e fiquei observando o tempo e os passantes da rua abaixo de meu apartamento.

Não notei o avançar das horas.

Três horas da tarde... na bagunça em que ficou meu apartamento, encontrei umas correspondências fechadas de pessoas que não via há muito tempo... Nunca gostei de ler cartas... até as cobranças chegavam e quando via já haviam vencido há meses e ficavam assim mesmo... Cansei de pagar os juros de meu isolamento...

Vinte minutos depois, 15h:20min, o interfone toca... Era o carteiro dizendo que havia uma correspondência que eu precisava assinar para receber. Desci, vacilante, os degraus da

escada, como se contasse cada um deles, tentando achar na contagem ou nos degraus alguma resposta para meus questionamentos e minhas dúvidas.

Lá estava o homem do correio, vestido de amarelo, como sempre, segurando a encomenda. Sorriu-me azedamente (acredito que pela demora), assinei o papel e recebi o volume. Subi ansioso e calmo. Abri o pacote e ali estava, em minhas mãos, um livro chamado *Simplesmente Fantástico*, escrito por um Carlos Carneiro.

O sobrenome acendeu-me as lembranças e vi o Carlos de outrora sentado em minha sala, conversando comigo na noite anterior a tudo.

Tive remorsos por não ter lembrado naquele momento do Carneiro dos velhos tempos da faculdade. Dentro do livro havia umas cópias de cartas que ele enviou para mim, mas voltaram ou não foram respondidas. Guardei as cartas e esqueci os remorsos. Comecei a ler os contos daquele livro incomum e, a cada história lida, tive a sensação de que eu mesmo não passava apenas de mais uma personagem das histórias escritas por Carlos...

Ao terminar de ler, estava eu sentado em uma sala desconhecida, conversando com uma mulher que acreditava conhecer de algum lugar...

Falávamos sobre as histórias daquele livro..., mas ela olhava para mim da mesma forma como eu olhara para Carlos naquela noite... Percebi então que tudo iria se repetir e que o livro era, na verdade, um convite para registrar em suas páginas malditas a sua última história de vida.

*Foi dessa forma que aquele homem simplesmente desapareceu das vistas de todos... não sabemos se a maldição do livro que suga vidas é uma verdade ou se o solitário carioca cansou de tudo e sumiu, deixando para trás as interrogações de uma existência triste e confusa; sem se preocupar em dar alguma explicação sobre os escritos que foram encontrados encima de sua escrivaninha...*